



Básico e Secundário Nenhuma escola pública figura entre os 20 primeiros lugares

Exames mais difíceis afastaram públicas do topo

No ranking do secundário a primeira escola pública ficou em 21.º lugar. E no básico em 29.º. Colégios do Porto lideram tabelas deste ano

Clara Viana

● As escolas públicas não resistiram a exames mais difíceis. No ensino básico e secundário nenhuma figura entre os 20 primeiros lugares das tabelas feitas com base nos resultados dos exames nacionais, os chamados *rankings*. No ano passado ainda existiam quatro neste primeiro pelotão, duas por cada nível de ensino.

Em 2007 eram 24 as secundárias públicas que estavam entre as 50 melhores classificadas. Agora apenas 10 garantiram presença neste grupo. No básico só existem duas. O naufrágio anunciado consumou-se. Poderá ainda vir a ser pior? Entre os diretores de escolas públicas há quem receie que sim, por efeito dos cortes anunciados para a educação e do impacto da crise sobre as famílias. Mas há também quem aponte a possibilidade de deste desterro ser circunstancial e ser causado "apenas" pelo facto de os exames de Português e de Matemática terem sido este ano mais difíceis. Sobre-representado nos lugares de topo, o ensino particular, embora também com piores resultados, não se queixa. Antes pelo contrário.

A semelhança do que sucedeu no ano passado, dois colégios do Porto lideram a tabela do secundário e do básico. Com uma média de 14,46 numa escala de 0 a 20, o Colégio Lusó-Francês foi o primeiro na seriação feita pelo PÚBLICO com base nos resultados dos exames das oito disciplinas com mais provas. No básico, o primeiro lugar é ocupado pelo Externato Nossa Senhora da Paz, que nos dois exames do 9.º ano obteve uma média de 4,04 (numa escala de 1 a 5).

A escola secundária Infanta D. Maria, de Coimbra, volta a ser a pública mais bem classificada, mas desceu oito lugares. Está em 21.º. Para se chegar à segunda pública com melhor média é preciso descer mais 12 posições. No básico o palmarés pertence ao Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga. Ocupa a 29.ª posição. Só volta a encontrar-se outra pública no 44.º lugar e é de novo a Infanta Dona Maria. Neste nível de ensino, o número de

concelhos do Continente com média negativa subiu de 21 para 130.

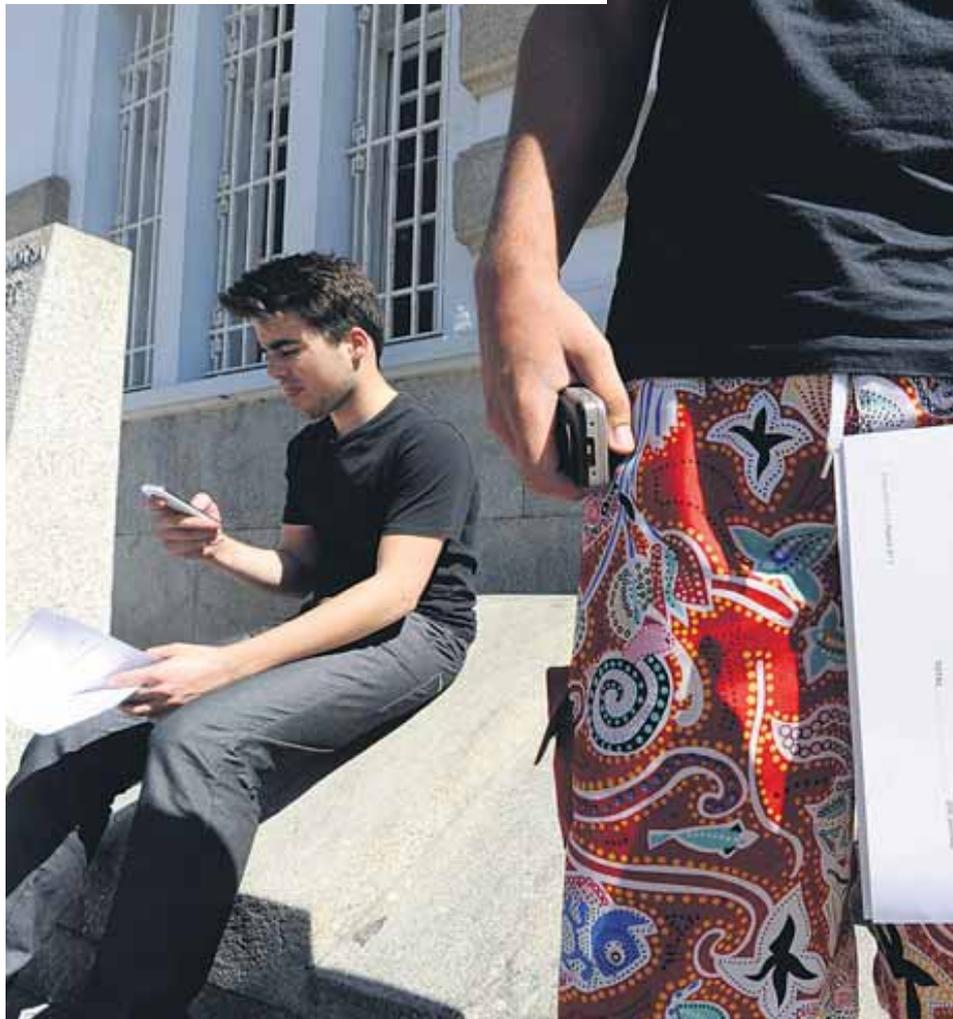
Para os *rankings* apenas são tidos em conta os resultados dos exames nacionais. "Com provas mais difíceis, como sucedeu este ano, mais se diferencia o registo" entre o privado e o público, constata João Munoz vice-presidente da Associação de Estabelecimentos do Ensino Particular e Cooperativo, administrador do Colégio São João de Brito (10.ª posição no ranking do secundário). Os diretores de escolas públicas ouvidos pelo PÚBLICO voltaram a atribuir os bons resultados dos particulares à origem socioeconómica dos seus alunos. Dizem também que são escolas que "trabalham sobretudo os seus alunos com vista a terem bons resultados nos exames".

João Munoz não subscreve. Atribui a chave do sucesso à existência de "lideranças fortes", de "projectos educativos adaptados aos dias de hoje" e de "um corpo docente estável e com uma boa formação". "O que não está certo em Portugal é que uns tenham a possibilidade de entrar nestas escolas e outros não, porque infelizmente não podem pagar. Mas esta separação de classes é forçada pelo Estado", acusa. Defende que os resultados deste ano tornaram evidente de que o caminho para melhor ensino passa pela liberdade de escolha em educação. Nos países onde existe, o Estado financia os alunos que optam por estudar em escolas particulares.

Aposentações, desemprego

Durante este ano, no ensino público, aposentaram-se mais de dois mil professores. E as escolas viram o seu orçamento reduzido em 5,5 por cento. Mas não são estas as razões de que falam os diretores para explicar os maus resultados. Ao princípio da noite de quarta-feira passada, o director do agrupamento de Cinfães, do distrito de Viseu, ainda estava às voltas com os pedidos de suplemento de alimentação que vai apresentar para 10 por cento dos seus alunos. Foram identificados pelos diretores de turma. São jovens que já nem o pequeno-almoço têm em casa, conta.

Os maus resultados nos exames de Português foram determinantes



Português em queda no básico e secundário

Obsessão dos exames não fomenta a leitura, nem a reflexão, alerta professora

Foram pouco mais de metade dos alunos do 9.º ano que tiveram positiva na prova de Língua Portuguesa. Foi a percentagem mais baixa em seis anos de exames nacionais do ensino básico. Em 2007 tinham sido 86,4%. Parte destes alunos fez este ano o exame nacional de Português do 12.º ano, que é obrigatório para todos que queiram prosseguir estudos. É, por isso, a prova mais concorrida. A média foi negativa.

"Os resultados vão descer ainda mais à medida que os alunos vão seguindo obrigatoriamente até ao 12.º ano [o que acontece já a partir do próximo ano]. A selecção dos 'mais aptos' que se fazia antes, durante o secundário, acabou", prevê Fátima Gomes que é professora de Português do ensino básico. A tendência será para acontecer no secundário o que já se passa no básico, onde o "princípio geral da avaliação é

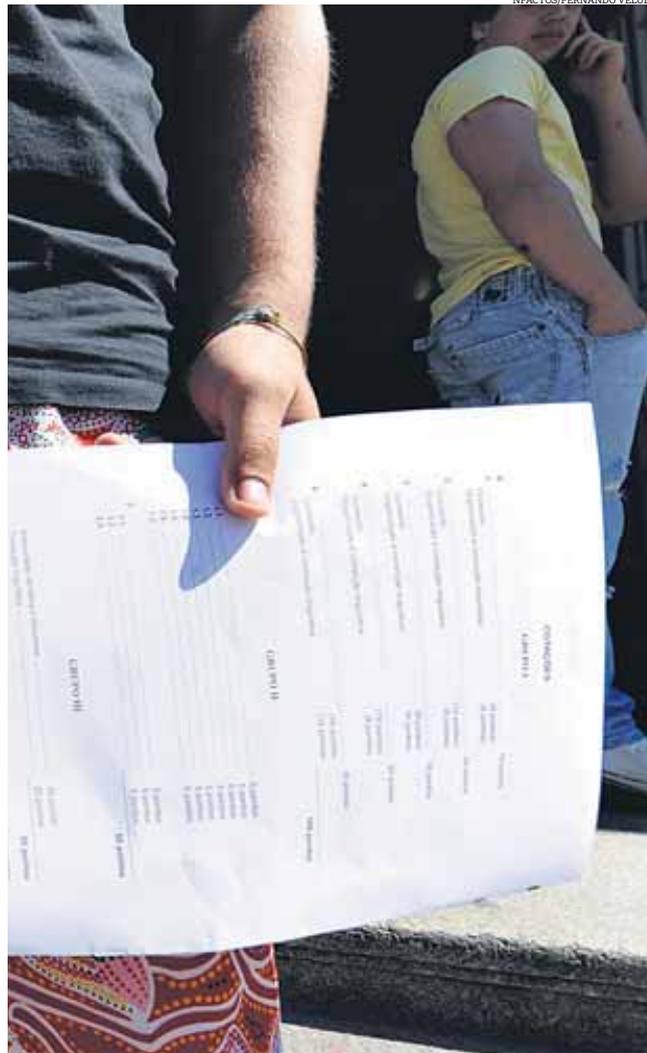
a transição", afirma. Sendo que, "em muitos casos, o 'princípio' da transição é o de minimizar danos. Qual é o sentido de manter um aluno anos seguidos num mesmo ano? Que ganha, que aprende ele com isso?", questiona.

Esta professora lembra que os resultados nos exames do básico só não são piores porque, com a criação, nos últimos anos, de cursos profissionais, "muitos alunos que foram sendo 'empurrados' ao longo do básico seguem a via profissional. Muitos nem sequer passam pelo crivo dos exames nacionais".

Ana Nunes, que é professora de Português do 12.º ano, diz que que tem "sentido um aumento enorme de recurso a tudo o que possa servir para estar 'preparado' para testes/exames sem terem que ler, reflectir e apreciar a leitura". "Recorrem antes a resumos de obras, dicas da net, textos expositivo-argumentativos feitos

pelos explicadores e decorados pelos alunos. Aumentam os expedientes de forma inimaginável há uns anos. Pensar dá trabalho e consome tempo e eles vivem cada vez em ritmo mais acelerado. E reféns das notas para entrada nos cursos superiores", constata.

O exame de Português não figura entre as provas que são exigidas para ingresso nos cursos mais disputados, procurados pelos alunos da área de ciências. Ana Nunes diz que estes estudantes "têm vindo a mostrar um desprezo muito grande pelos autores do programa, uma resistência muito difícil de ultrapassar". Em várias das privadas com melhores médias este exame é desvalorizado pelas escolas e alunos. Mas o número de privadas com melhores médias a Português tem sido superior ao das públicas. **C.V.**



Existem 1283 escolas básicas com o 9.º ano. A de Cinfães ficou na posição 841. Manuel Pereira não esconde a sua indignação face aos *rankings* que, afirma, comparam o que não pode ser comparado. Por exemplo, a sua escola com um colégio de Lisboa: “Tivemos resultados piores do que estávamos à espera. Mas estamos numa zona em que a maioria da população está desempregada. Tudo isto se reflecte na escola e nas aprendizagens”.

Delfina Rodrigues, directora da Escola Secundária Aurélia de Sousa, Porto, que ficou no 56º lugar, aponta um “fenómeno que se tem acentuado nos últimos anos”. Há muitos alunos que são formados pela sua escola, têm bons desempenhos e na recta final do secundário pedem transferência par o ensino particular. “Eles e os seus encarregados de educação dizem-nos que reconhecem o nosso trabalho, que não estão à procura de mais qualidade, mas que pedem a transferência por, alegadamente, no particular ser mais fácil atingir as médias pretendidas. E isso deixa-nos perplexos”. A média das classificações internas das escolas particulares tem sido superior à das públicas, mas é também mais consonante com os resultados obtidos pelos seus alunos

nos exames. Desde 2001, a melhor média de exame entre as escolas do secundário só foi uma vez para o ensino público e a pior só calhou uma vez a um colégio.

A descida das públicas não surpreendeu Manuel Barata, presidente da Federação das associações de pais de Lisboa. Atribui parte da responsabilidade a “exames e professores correctores mais exigentes”, mas frisa que a performance das públicas é determinada à partida por muitos factores, como por exemplo a sua localização. Com os mesmos professores e o mesmo director, uma boa escola pública de uma zona favorecida de Lisboa não teria os mesmos resultados se fosse deslocalizada para uma zona carenciada, diz. Mas lembra que, nestas zonas, em escolas mal posicionadas nos *rankings*, também existem “muito bons alunos”.

“Não vejo razões para que o ponto de honra das escolas públicas deva ser o de procurar ficar nos melhores lugares. Devemos trabalhar para que os alunos cheguem o mais longe que possam, com a certeza de que não têm todos de chegar ao mesmo sítio”, contrapõe Isabel le Guê, directora da escola secundária Rainha D. Amélia (174.ª no ranking).



Ranking

Ensino básico e secundário

Não há escolas públicas no top 20 das melhores médias dos exames ●



Ranking das escolas

Suplemento especial de 32 págs.

Não há escolas
públicas no *top 20*
das melhores médias
dos exames do básico
e do secundário

